

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E A QUESTÃO SOCIAL

XI INIC | VII EPG – UNIVAP – 2007

*Expedito Arantes*¹, *Marco Antonio Villarta-Neder*²

¹Univap - (ISE/FE), Rua Tertuliano Delphin Jr., 181 - Jardim Aquáriu / expedito@expeditoarantes.com

²Univap - (ISE/FE), Rua Tertuliano Delphin Jr., 181 - Jardim Aquáriu / marcovillarta@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho procura analisar alguns casos ligados ao processo de monotongação da fala, que por sua vez, constitui-se em um dos fatores que contribuem basicamente para o fenômeno da variação lingüística da Língua Portuguesa no Brasil, que como qualquer língua do mundo não se apresenta de maneira uniforme. Esta variação expressa uma variedade cultural existente em uma determinada comunidade, grupo ou região e manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem (obviamente sendo mais perceptíveis na fala, pronúncia e vocabulário). É a partir da monotongação que se irá analisar os processos de variação que encontraremos a seguir.

Palavras Chave: Variação, dialeto padrão, dialeto não-padrão, discriminação.

Área do Conhecimento: Lingüística

Objetivo:

O objetivo principal está em se demonstrar a Monotongação – tida aqui como variação lingüística – não somente na fala de pessoas consideradas “incultas”, todavia também que ela existe em todas as camadas e principalmente na fala daqueles, que gozam de um maior prestígio social. O que intrinsecamente comprova que a variação lingüística é produto de qualquer classe social. Além das relações entre emissor e receptor, diversos fatores como: classe social, faixa etária, região geográfica, são responsáveis por esta variação. Para tanto, trabalharei com os tipos de variação mais usuais, que são: *Variação Estilística, Variação Sociocultural, Variação Geográfica, Variação Histórica, e a Discriminação Lingüística*. As quatro primeiras concepções foram apresentadas inicialmente por Camacho (1998 [5]), e a última, resultado de minha pesquisa sociolingüística.

Introdução:

Demonstrar a Monotongação como produtora de variações lingüísticas é um dos objetivos deste trabalho. E o seu reflexo na linguagem verbal é fortemente sinalizado, não cabendo, obviamente a nenhuma classe social, todavia como parte essencial da comunicação em Língua Portuguesa.

Essa linguagem verbal não é somente um instrumento utilizado para a comunicação ou veiculação de informações, mas, principalmente, uma forma de mostrarmos socialmente aquilo que pensamos e que somos; aquilo que entendemos do mundo e aquilo que gostaríamos que os outros enxergassem em nós. Ao mesmo tempo, vemos os outros, de acordo com a nossa perspectiva de

mundo, aquela que acabamos por conceber ao longo da vida. Sendo assim, podemos dizer que a relação entre pensamento e linguagem verbal é muito próxima.

Quando falamos e/ou escrevemos, desejamos exercer uma influência sobre um outro que nos escuta e/ou lê; entretanto este outro também tem seus modos de pensar, ver, sentir e compreender a realidade e com toda a certeza vai situar nossa fala e escrita no projeto que ele mesmo tem de vida. Inicia-se o “*jogo da linguagem e da comunicação*”.

Algumas das regras desse jogo estão situadas nas relações comunicativas. Espera-se que, na fala, nós tragamos na bagagem, conhecimentos:

- Sobre quando podemos falar e quando devemos ficar calados;
- Sobre os assuntos que serão pertinentes naquela situação;
- E sobre o tipo de variante lingüística que deve ser usada naquele contexto específico.

Em alguns casos, a relação estabelecida é de pressão social e/ou de autoridade entre os falantes. Essa autoridade é uma forma de dominação causada pelos papéis sociais assumidos entre os falantes e tem uma forte tonalidade ideológica. Bakhtin nos diz que: “*É a língua que ilumina a personalidade interior e a consciência, que as cria, diferencia e aprofunda, e não o contrário. O devir da personalidade situa-se na língua: não tanto, é verdade, nas suas formas abstratas, mas nos seus temas ideológicos*”. (Bakhtin 1999: 188[4])

Portanto esta tonalidade ideológica é de fato, marcante na relação entre os falantes.

Materiais e Métodos:

Para o *corphus* deste trabalho, foram realizadas pesquisas através de gravações pelo meio de comunicação principal que é a televisão, analisando assim, as falas de pessoas presentes na mídia e que possuem o já dito, “prestígio social”, bem como de outras pessoas que, presentes também na mídia, não se caracterizam como pessoas socialmente prestigiadas.

Como critério de verificação da monotongação, parti do ponto de análise da *última sílaba* (ou da sílaba posterior ao ditongo) das palavras descritas e avaliadas pelas gravações, obviamente respeitando os fonemas consonantais do Português do Brasil.

Resultados:

Pelas análises realizadas, é possível identificar que mesmo presentes na mídia e com ou sem o chamado: “prestígio social”, há a presença da Monotongação na fala de todas as pessoas. O que, neste contexto, desmistifica-se a tendência que equivocadamente acabamos por conceber de que somente os falantes com menos prestígio social possuem variantes mais distantes da que damos o nome de “padrão”.

Os principais casos, encontrados em minha pesquisa, foram nos ditongos *ei* e *ou*. Este ocorrendo a monotongação principalmente quando o fonema consonantal posterior ao ditongo é velar oclusivo surdo (C) – como nos casos de: *Pouco*, *louco*, *touca* etc. E aquele, principalmente aparecendo quando o fonema consonantal for linguoalveolar vibrante (R) como é o caso de: *Caseiro*, *primeiro*, *carteira* etc.

Discussão:

A Variação Lingüística, por sua vez, é uma propriedade inerente a qualquer língua (viva) e pode observar-se quer sincronicamente, manifestando-se como diversidade dialetal ou sociolingüística, quer historicamente (diacronia), revestindo então a feição de mudança lingüística. Podemos analisar o fenômeno da variação lingüística de diversos modos. Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) trazem algo interessante acerca da variação lingüística: “A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] O uso de uma ou outra forma de expressão depende,

sobretudo, de fatores geográficos, socioeconômicos, de faixa etária, de gênero (sexo), da relação estabelecida entre os falantes e do contexto de fala.” (APUD Bagno 1999:29 [1])

As Variações são assim classificadas:

Variação Estilística - Refere-se às diferenças observadas na fala de um mesmo indivíduo, de acordo com a situação em que ele se encontra, ou seja, são diferenças lingüísticas determinadas pelas condições extra-verbais que cercam o ato de fala, como, por exemplo, o assunto tratado, o tipo de ouvinte, a relação entre os interlocutores, o estado emocional do falante, o grau de formalidade do discurso. Assim, de acordo com a situação, o indivíduo “escolhe” o tipo de linguagem que julga mais conveniente. Um médico em uma conferência fará escolhas lingüísticas diferentes daquelas que usa quando conversa com os filhos. Um bilhete enviado para um amigo apresenta escolhas lingüísticas diferentes daquelas de um bilhete enviado para um chefe com que temos uma relação mais formal. O estilo pessoal, em geral, está intimamente interligado com o contexto e com aquele com quem falamos/escrevemos. Há graus de formalidade que impõem limites sociais à nossas escolhas. Em situações de formalidade extrema, vamos aproximando a fala cada vez mais da escrita, e em situações de informalidade da escrita, aproximamos a escrita da fala.

Variação Sociocultural - diz respeito às diferenças observadas na linguagem de diversos grupos sociais, os quais podem ser constituídos por critérios variados, tais como: classe social, grau de instrução, idade, sexo, etnia, profissão e outros. Com relação à influência da posição social e do grau de instrução, fatores esses que em geral se apresentam juntos, pode-se dizer que a oposição mais importante se dá entre a chamada linguagem culta (ou padrão) e a linguagem popular. Por exemplo: o uso do diminutivo é mais comum na fala da mulher que na do homem. O homem não se preocupa em empregar uma terminologia feminina, mais afetiva, por conta da avaliação social de machismo.

Variação Geográfica - refere-se às diferenças lexicais (de vocabulário), fonológicas (de pronúncia ou “sotaque”) e/ou sintáticas (referentes à construção gramatical das frases), observadas entre falantes de diferentes regiões geográficas que utilizam a mesma língua. Bagno cita um exemplo para isso: “Na pronúncia normal da região Sudeste, a consoante que escrevemos *T* é pronunciada [ts] (como em *tcheco*) toda vez que é seguida por [i]. Esse fenômeno fonético se chama *palatização*. Por causa dele, nós, sudestinos, pronunciamos [tsitsia] a palavra escrita ‘TITIA’. [...] Quando, porém um falante da zona rural nordestina pronuncia a palavra escrita ‘OITO’ como [oytsu] achamos muito ‘engraçado’, ‘ridículo’ ou ‘errado’. Ora, do ponto de vista meramente

lingüístico, o fenômeno é o mesmo – palatização – , só que o elemento provocador dessa palatização, o [y], está antes do [t] e não depois dele.” (Bagno, 1999:44 [1])

Varição Histórica - acontece ao longo de um determinado período de tempo, pode ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua. O processo de mudança é gradual: uma variante inicialmente utilizada por um grupo restrito de falantes passa a ser adotada por indivíduos socioeconomicamente mais expressivo. A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém com o tempo a nova variante torna-se normal na fala, e finalmente consagra-se pelo uso na modalidade escrita. As mudanças podem ser de grafia ou de significado. É também chamada de Diacronia.

Em detrimento às variações da linguagem, aqui apresentadas, deparamo-nos com o chamado “Preconceito Lingüístico”. Em todos os casos, devemos estar atentos para a discriminação provocada pelo uso de variantes. Como cada variante representa um grupo social, é comum as variantes de grupos com menos destaque político, social e econômico serem desprestigiadas. Com isso surge este preconceito – as pessoas são julgadas pelo modo como falam ou se expressam foneticamente.

Podemos usar como um exemplo simples para isso, a substituição da lateral palatal por semivogal anterior, resultando em pronúncias como *paia* (a palavra escrita PALHA), e também o *r* retroflexo, em vez de semivogal posterior resultando na pronúncia de *animar* em vez de *animau* (que se escreve ANIMAL). Essas e muitas outras formas de variantes obtêm pouco prestígio e, no entanto, são comuns dentro das comunidades sociais em que são faladas.

Bagno diz: “Cada um de nós sabe muito bem, a língua é freqüentemente usada na prática da discriminação, da exclusão social. O preconceito lingüístico vivo e atuante é uma realidade inegável no Brasil.” (Bagno 2002:70 [2])

Reconhecer as diferenças entre as variantes e o prestígio de uma sobre a outra, sabendo compreendê-las como uma forma de vida da língua, é um princípio de cidadania e de respeito às diversidades. Devemos dar voz a todos os que desejarem se expressar. Não há língua Portuguesa certa ou errada, o que existe são variações: “Já está mais do que comprovado que, do ponto de vista exclusivamente científico não existe erro de língua, o que existe é variação e mudança (...) que são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas. Além disso, as línguas não variam/mudam nem para “melhor” nem para “pioor” (...) elas simplesmente variam e mudam...” (Bagno 2002: 72 [2])

A Monotongação – apresentada neste trabalho como um fator produtor de variação lingüística – é um processo fonético pelo qual o falante não exprime as vogais e semivogais constantes num ditongo, pelo contrário, as simplifica, falando apenas uma delas. Na maioria das vezes é a “semivogal” que é poupada pela fala. Ela – a Monotongação – é parte integrante dos Metaplasmos, que são as transformações e modificações fonéticas que as palavras tendem a sofrer durante sua evolução. Este processo, por ser fonético, ou seja, tratar-se da parte sonora da língua, está sujeito à lei fatal das transformações, pois há uma tendência maior em se haver mudanças pela fala inicialmente, que pela escrita.

Para que possamos conhecer este processo muito comum em nossa fala, precisamos entender o conceito de ditongo e suas ocorrências.

De uma maneira geral, o ditongo é a combinação de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba, das quais a mais fechada é uma semivogal. Podemos dizer que a rigor, apenas uma delas muda de timbre durante o curso de sua emissão. O ditongo pode ser oral ou nasal, segundo que, o ar se escapa todo pela boca ou parte pela boca e parte pelo nariz respectivamente. O Ditongo é de origem latina ou românica, conforme remontam ao latim ou aparecem no período de formação dos romances. No Latim Clássico havia somente quatro tipos de ditongos: *ae*, *oe*, *au* e *eu* (raramente)

Análise do Corpus na Monotongação:

• Ditongo /ei/ - [ey]

a) A primeira pesquisa realizada foi no dia 23/Mar/2006, aproximadamente às 13h30. Durante a programação do Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão, o jornalista e âncora, Evaristo Costa, disse:

“O ‘casero’ Francenildo Costa está depondo neste momento na Polícia Federal...”

Analisando: **Fonema consonantal linguoalveolar vibrante**

Casero [ka ‘zeru] CASEI (RO)

► Notem a presença da monotongação nas palavras, cuja última sílaba (ou fonema consonantal) posterior ao ditongo é linguoalveolar vibrante (r): Dentro destes exemplos, temos também as seguintes palavras: ‘Terrêro’, (Terreiro) - ‘Laranjêra’ (Laranjeira) – ‘Portêro’ (Porteiro).

b) Ainda analisando a monotongação do ditongo /ey/, no dia 24/Mar/2006, às 13h48 no Programa: “TV Culinária” da Rede Gazeta de Televisão, a apresentadora Palmira Onofre, faz a seguinte

colocação quando lhe perguntado como se faz chantilly:

“*você tem que ficar de olho, porque se você bater demais vai virar ‘mantêga’.*”

Analisando: **Fonema Consonantal
velar oclusivo sonoro**

Mantega [mã ‘tega] MANTEI (GA)

► Notem a presença da monotongação nas palavras, cuja última sílaba (ou fonema consonantal) posterior ao ditongo é velar oclusivo sonoro (g). Há também algumas exceções, neste caso, como nas palavras: **Meigo, Leigo.**

c) No dia 11/Maio/2007, no Programa do Jô, da Rede Globo de Televisão, o diplomata, protagonista e apresentador Jô Soares ao conversar com um de seus entrevistados Alonilson Hora, comenta:

“*...Mas aqui em São Paulo teve um caso que ficou famoso também de dois rapazes que, inclusive estavam se bêjando no shopping...*”

Analisando:

**Fonema consonantal
Palatoalveolar fricativo sonoro**

Bejando [be ‘zãdo] BEI (JAN) DO

► Notem a presença da monotongação nas palavras, cuja última sílaba (ou fonema consonantal) posterior ao ditongo é palatoalveolar fricativo sonoro /ʒ/.

• **Ditongo /ou/ - [ow]**

a) No dia 23/Mar/2006 às 14h26, no Programa Mulheres, da TV Gazeta, era realizada uma pesquisa com o Dr. Flávio Ramirez, ginecologista, que tirava algumas dúvidas a respeito de gravidez. Quando lhe perguntado se a mulher grávida poderia usar salto alto, disse:

“*O salto alto, com o passar da gravidez, as articulações vão ficando mais ‘frôxas’*”

Analisando: **Fonema consonantal
Palatoalveolar fricativo (surdo)**

Frôxas [‘froʃas] FROU (XAS)

► Notem a presença da monotongação nas palavras, cuja última sílaba (ou fonema consonantal) posterior ao ditongo é palatoalveolar fricativo (surdo) /x/. Dentro destes exemplos, temos também a seguinte palavra: **‘Trôxa’ (Trouxa).**

b) No dia 11/Maio/2007 às 00h26, no Programa do Jô, da Rede Globo de Televisão, o protagonista e apresentador Jô Soares, ao dar a introdução do programa com seus convidados e apresentar a cantora Fafá de Belém (uma das convidadas), disse:

“*Mas a Fafá é pra daqui a pôco...*”

Analisando:

**Fonema consonantal
Velar oclusivo (surdo)**

Pôco [‘poko] POU (CO)

► Notem a presença da monotongação nas palavras, cuja última sílaba (ou fonema consonantal) posterior ao ditongo é velar oclusivo (surdo) /k/. É possível também exemplificar as palavras: **“Lôco” (Louco), “Tôca” (Touca).**

Conclusão:

Pela análise demonstrada da Monotongação, é possível concluir que ela, como variante lingüística, não é apenas característica do dialeto não-padrão, todavia está intrinsecamente presente também na fala de pessoas não-estigmatizadas. Realmente a questão é mais social e discriminatória que puramente lingüística. Por isso, não há uso lingüisticamente melhor que outro e não existe um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. Pois se o fenômeno é o mesmo, por que na boca de um, ele é considerado ‘normal’ e na de outro é ‘engraçado’ ou ‘feio’? (Bagno 1999:45 [1]). Portanto todas as classes sociais apresentam variantes lingüísticas que se distanciam do dialeto-padrão. E como diz Paulo Freire: “*Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever*”.

Referências Bibliográficas:

- [1] BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico. O que é. Como se faz.* São Paulo: Loyola, 1999.
- [2] BAGNO, Marcos. *Língua Materna. Letramento, variação & ensino.* São Paulo: Parábola, 2002
- [3] COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica.* 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- [4] BAKHTIN, M. M.. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.* São Paulo: Hucitec, 1999.
- [5] CAMACHO, R. A variação lingüística. In: *Subsídios à proposta curricular de língua Portuguesa para o 1° e 2° graus.* Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.
- [6] TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.